



Buscando a beleza no inevitável: sobre um conto de Katherine Mansfield*

*Luisa Maria Rizzo***, Porto Alegre

Este trabalho foi elaborado a partir do convite para participar na atividade do Café Literário da SPPA, cujo tema era a discussão do conto A festa, de Katherine Mansfield. A autora busca refletir sobre o impacto da leitura da obra de Mansfield, em especial do referido conto, onde se destacam os temas da vida e da morte, do preconceito, da solidão e da capacidade para manter vinculados dentro de si a verdade e o respeito pelos sentimentos na relação consigo próprio e com os outros. Apresentam-se dados biográficos da escritora, uma síntese do conto e, posteriormente, algumas considerações suscitadas.

Palavras-chave: Katherine Mansfield, beleza, verdade, desamparo.

* Trabalho apresentado no Café Literário da SPPA em 2010.

** Psicóloga, psicanalista e membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).



O meu primeiro contato com um conto de Katherine Mansfield ocorreu há muitos anos atrás, quando, passeando num domingo pela manhã, chamou minha atenção o exemplar de *A festa e outros contos* exposto em uma banca de livros usados. Nesta época eu conhecia muito pouco a história de vida desta escritora. Foi só recentemente, ao receber este convite da SPPA, que fui buscar conhecê-la mais. Desde então ficou difícil desvencilhar vida e ficção em Mansfield. É muito impactante a leitura de seu diário e cartas, nos quais ela nos revela a grande luta contra a tuberculose, mas especialmente seus sentimentos de solidão e desamparo. Uma trajetória de vida que foi encurtada precocemente, mas que revela desde sempre a sensibilidade e a coragem de quem tem paixão.

Sua história

Mansfield nasceu em Wellington, Nova Zelândia, a 14 de outubro de 1888. Era a terceira filha entre seis de um casal inglês: Sir Harold Beauchamp, comerciante e banqueiro, relativamente abastado e Anie Dyer (Mansfield, 1996).

Quando Katherine tinha cinco anos, a família mudou-se para Karori, uma cidadezinha erguida num lugar que, menos de cinquenta anos antes, fora uma floresta, a fim de que as filhas tivessem uma vivência no campo. Lá ficaram por cinco anos, e de lá Katherine tirou muitas memórias para suas melhores obras. Era uma menina gorducha, morena, grandes olhos e fartos cabelos castanhos, diferente de seus irmãos, que tinham pele rosada e olhos azuis. Com inteligência acima da média, imaginativa, de língua afiada e voluntariosa, despertou a atenção de sua professora logo nos primeiros dias, devido a seu grande interesse pelos trabalhos de redação e pela maneira compulsiva como escrevia.

Em 1898 a família retornou a Wellington e foi morar numa casa grande e ensolarada, com um belo jardim, quadra de tênis, pomar e vista para as montanhas. No conto *Prelúdio* e mais tarde em *Na baía*, são retratados personagens e episódios dessa fase da infância.

Aos treze anos se apaixonou por um violoncelista de quinze, Arnold, que em breve viajaria para a Europa com bolsa de estudos. Começou a receber aulas com o pai de Arnold e durante alguns anos seus sonhos oscilaram entre a literatura e a música. No começo de 1903 a família mudou-se para a Inglaterra, para matricular as três filhas mais velhas no Queen's College, em Londres. Quase no fim do primeiro período escolar, Mansfield publicou o primeiro conto. Entre 1903 e 1904 começou a escrever um diário que perdurou durante toda a sua vida.



Em 1906, quando os pais foram buscar as filhas para retornarem a Wellington, ela relutou em voltar, conseguindo, só em 1908, convencê-los de que, para perseguir seu desejo de ser escritora, deveria permanecer em Londres. Tinha apenas vinte anos e o período que se seguiu – três anos – é o mais confuso e tumultuado de sua vida, trabalhando febrilmente e contribuindo para revistas literárias. Retomou o namoro com Arnold, apaixonou-se por seu irmão, o violinista Garret, porém casou-se com um professor de canto onze anos mais velho que ela, separando-se um dia depois. Voltou para Garret, de quem engravidou. Foi rechaçada pela família do pai de seu filho. Sua mãe a instalou em uma pensão na Alemanha e voltou sem esperar o parto, que não veio a acontecer porque, em junho, sofreu um aborto. Após houve um período de vários namoros, quando conheceu o editor John Murry, seu futuro marido, isso em 1912, quando este ainda era estudante em Oxford.

Nos anos de 1913 a 1915, o amor de Mansfield e Murry passou por altos e baixos, período este que está documentado na troca de cartas entre eles, já que só se viam nos fins de semana, quando Murry ia encontrá-la no chalé que alugaram em Cholesbury. Em 1915 morreu na guerra seu irmão Leslie. A perda abalou-a muito para o resto da vida, e consta que foi a partir daí que seu trabalho refugiou-se nas lembranças nostálgicas da infância. Surgiram, então, os primeiros acessos de tuberculose. Foi para o sul da França onde ficou por um ano. Voltou em 1916 para a Inglaterra, mas a doença a obrigou a temporadas em lugares de clima mais ameno, na França e na Suíça, ao mesmo tempo em que batalhava para escrever.

Morreu em 9 de janeiro de 1923 com 34 anos tendo publicado três livros de contos: *In a german pension*, em 1911, que teve três edições; *Bliss*, em 1920, e *The garden party*, em 1922, todos bem recebidos pela crítica. Ela escreveu oitenta e oito histórias curtas, alguns poemas e dezenas de pequenos artigos de crítica literária para jornais e revistas.

O conto¹

O conto *A festa* narra um acontecimento aparentemente corriqueiro: uma família burguesa está organizando uma festa ao ar livre em sua residência. Grande parte do texto trata dos preparativos para esse momento, descrevendo detalhes e o clima que se desenvolve no grupo familiar e entre os empregados. Paralelamente a isso, ocorre, há alguns metros dali, em uma comunidade pobre vizinha, o enterro

¹ O conto *A festa* faz parte de uma coletânea de contos do livro *A festa e outros contos* (Mansfield, 1993).



de um homem, pai de família. Festa e funeral, dois acontecimentos que se cruzam despertando ressonâncias especialmente em Laura, uma das filhas do casal anfitrião. Após a festa, ela é enviada à família enlutada para presentear a viúva com uma cesta contendo os restos da comilança. A repercussão desse encontro em Laura surpreende o leitor e finaliza o conto.

Este conto foi concluído em 14 de outubro de 1921, no dia do seu penúltimo aniversário. Está escrito em seu diário que este período, entre julho e outubro deste ano, foi o mais bem-sucedido da vida de Mansfield como escritora e frutífero também com seu esposo Murry. A tuberculose avançara bastante, mas conseguiram reviver um clima de camaradagem, como o vivido em Bandol, no sul da França. Consta que isso trouxe mais segurança para Mansfield se concentrar no trabalho e em poucos meses escrever *Na baía*, *A festa*, *A casa das bonecas*, *A viagem* e outros como *A história do homem casado*, que não chegou a concluir.

Sobre *A festa*, observa Mansfield em seu diário (1996), em 13 de março de 1922:

Sim, foi isso que tentei comunicar nesse conto. A diversidade da vida e como tentamos nos adaptar a tudo, inclusive à morte. Isso é espantoso para uma pessoa da idade de Laura. Ela sente que as coisas deviam acontecer de uma forma diferente. Primeiro uma e depois a outra. Mas a vida não é assim, não a comandamos. E me parece que existe alguma beleza na inevitabilidade (p. 259).

Bion já dizia que nós sonhamos em estado de vigília, não paramos de sonhar, embora nem todos possam aproximar seus sonhos da consciência e utilizá-los para dar amplitude emocional às experiências. Penso que o que mais me impactou em Mansfield foi sua capacidade de seguir sonhando e escrevendo mesmo frente à solidão e à doença, com a perspectiva de morte sempre presente. O modo como nos introduz nas cenas e sua cumplicidade e intimidade intensa com a natureza nos captura. É como se também os arbustos, as árvores, as flores, os ventos fossem todos personagens. Sua atenção não está voltada para aquilo que é mais impressionante a todos, observa Esdras do Nascimento²:

[...] ela se emociona com o vôo dos pássaros, o ritual do chá na companhia de pessoas queridas, a cor do céu, o perfil das montanhas, as pequenas invejas, as diminutas incompreensões que permeiam as amizades e as

² Nota extraída do prefácio de Esdras do Nascimento ao livro *Diário e cartas*.



tragédias e maldades embutidas em gestos aparentemente insignificantes (*Ibid.*, p. 13).

É impressionante sua capacidade de observação dos gestos pequenos, gestos que revelam humanidade. Seu estilo tão sensível ao estético, seu modo eloquente de olhar o mundo e a beleza tanto fora como dentro de si me remeteu a Donald Meltzer em uma passagem de seu livro *A apreensão do belo*, quando ilustra de forma poética e clara como entendia um determinado paciente. Observa Meltzer:

[...] esta pessoa estava lutando para conseguir manter vinculadas dentro de si a alegria e a dor da verdade a respeito das coisas vivas e não-vivas, da fragilidade das forças da vida quando comparadas ao maligno, que parece estar sempre sendo favorecido pelo grande fator da aleatoriedade (Meltzer, 1995, p. 21).

E é justamente esse movimento incessante de ir ao encontro da verdade, a busca de sentidos para as experiências que ficam tão presentes na leitura do conto. Mansfield e Laura, escritora e personagem, revelam a coragem de ir atrás daquilo que as apaixona, mas também do que as amedronta. Talvez justamente esta atitude contemplativa e aberta ao inusitado tenha resultado em observações como a da professora de literatura inglesa da UERJ, Cristina Gariglio Stark, no prefácio de um dos seus livros³. Segundo ela Mansfield tinha uma percepção multifacetada da realidade, o que gerava abundantes lacunas e deformações capazes de criar interpretações também multifacetadas. Suas histórias podem oferecer vários finais ou apenas um. Isso para salientar esse aspecto enigmático presente na obra de Mansfield e que a aproxima de Tchekhov e de Poe. Acredito que é o compromisso com a busca da verdade o que pode favorecer a diversidade de interpretações, a não saturação de respostas às questões, a tolerância do mistério tão presente na obra desta escritora.

Conforme vamos avançando na leitura surgem enigmas e aparece algo que está prestes a desmoronar. É a proximidade com um possível colapso o que se vislumbra no imaginário de Mansfield em sua escrita. No conto específico, cria-se um confronto entre a festa e o funeral, aparece o tema da imprevisibilidade, da dificuldade de lidar com a morte, não apenas a morte física, mas também as mortes que ocorrem dentro de cada um quando ainda se está vivo.

Esse conto, além de outras dicotomias que nos traz, faz pensar na dificuldade

³ Nota extraída do prefácio do livro *Numa pensão alemã* (Mansfield, 1998).



de lidarmos com o que frustra, limita e nos diferencia. E é frequente que, a partir de situações inesperadas, apareça aquilo que já estava ali e não podia ser pensado.

Através da personagem Laura, o texto nos leva para uma encruzilhada: como conciliar sentimentos opostos? Como lidar com o inusitado? Laura vai dando sinais de um distanciamento daquele clima de festa, de chapéus com flores, de armações de toldos, de quantidades exageradas de lírios. Há algo que não se mostra, mas está presente através de sutilezas. Laura mostra que seu olhar não se prende a detalhes banais, mas se dispersa para os minúsculos focos de sol, ou então observa a sensibilidade do colocador de toldo ao levar a mão ao rosto e sentir o perfume das lavandas. Chega a questionar por que não poderia ter amigos operários em vez dos bobalhões que a tiravam para dançar nas festas.

Contudo, é só quando um fato trágico acontece que podem vir à tona essas outras tantas mortes, frutos de desilusões, sutilmente expressas no decorrer do relato. E também sua crítica à sociedade machista, à discriminação de classes sociais, à imagem da mulher como superficial, preocupada com o que vai vestir ou com o chapéu lindo que irá usar. Todas as decepções antes esmaecidas ganham colorido após a notícia de uma morte real: a dicotomia entre a menina e a mulher, entre uma menina que se assusta com a morte, ou a mulher que sente compaixão pelo sofrimento, entre a sensibilidade e a rudeza, quando se pergunta qual será a receptividade da família enlutada com a sua atitude de levar os doces que sobraram da festa para o funeral.

Poderíamos pensar que a atitude de Laura, solicitando que cancelem a festa, é movida pela culpa própria de quem vive uma realidade vantajosa, protegida de dificuldades, mas o que surge é o movimento de Laura, solitário, em busca de um espaço para chorar pelas mortes já vividas dentro de si, um choro até então abafado, como ocorre em muitos outros contos de Mansfield. O defunto é olhado como alguém imponente, maravilhoso, que está profundamente adormecido, distante, sereno e feliz. Laura chora, mas volta do beco sentindo-se satisfeita, como se algo a tivesse confortado. Abraça o irmão, emocionada.

Disfarçada em Laura, Mansfield escancara sua solidão e sua luta por existir. Não é por nada que Mansfield é comparada a Virgínia Wolf e Lispector, todas buscando uma forma de exprimir o inexprimível na sua condição de mulher.

Acredito que o fato de ter nascido em uma cidade com características mais provincianas, regida por códigos vitorianos – bons costumes, mulheres obedientes e parideiras – fez com que sua opção de vida, privilegiando a carreira profissional, fosse vista como um desterro afetivo. Mansfield ilustra em seu diário a influência desta cultura vivida como opressora, enquanto estava no barco que a levaria de Wellington para morar em Londres, em maio de 1908:



Aqui vai um pequeno sumário do que necessito: poder, dinheiro e liberdade. É uma doutrina inútil e insípida esta de que o amor seja a única coisa no mundo que é ensinada e pregada a marteladas na cabeça das mulheres, de geração em geração, e que nos detém de forma tão cruel. Temos que nos safar deste pesadelo. Assim chegará a oportunidade da felicidade e libertação (Mansfield, 1996, p. 31).

Olho este conto como um sonho de Mansfield. Penso que talvez possa ter sido a realização do desejo de poder morrer acompanhada, sem tanta dor por aquilo que iria perder. A realização do desejo se completa quando cria a figura de Laurie, o irmão de Laura, que a espera na saída do beco após sua visita ao defunto. Na vida real seu irmão chamava-se Leslie. Ele morreu na guerra, em 1915, e, segundo os biógrafos de Katherine, essa perda a abalou profundamente para o resto da vida. Durante seu tempo de vida, escrevendo sem descanso, acredito que Mansfield buscou reconciliar-se com os bons objetos de sua infância. Em setembro de 1921 escreve:

Acabo de terminar meu novo livro, pousei a caneta depois de escrever “graças a Deus”. Eu gostaria que houvesse um Deus. Estou desejando louvá-lo, agradecer-lhe. O título é *Na baía*. Este é o nome de uma história muito longa que está nele, continuação de *Prelude* [...] Estive às voltas com ela na noite passada. Minhas preciosas crianças se sentaram ali, jogando cartas. Eu vaguei por todo o tipo de lugares, entrando e saindo. Espero que esteja bom. É tão bom quanto consigo fazer, e todo o meu coração e a minha alma estão nele [...] cada pedacinho deles. Oh Deus, espero que ele dê prazer a alguém. É tão estranho trazer os mortos de volta à vida. Lá está a minha avó, de volta à sua cadeira, com o tricô cor de rosa; meu tio caminha empertigado pela grama; sinto enquanto escrevo que vocês não estão mortos, meus queridos, tudo é lembrado (*Ibid.*, p. 232). □

Abstract

Searching the beauty in the inevitable: about a short story by Katherine Mansfield

This paper was conceived in order to take part on the activity called *Literary Coffee of the SPPA* and discusses the short story *The feast*, by Katherine Mansfield. The author reflects upon the impact of reading Mansfield's work, especially the above mentioned story, emphasizing the themes of life and death, prejudice,



Luisa Maria Rizzo

loneliness, and the inner capacity to bound truth and respect for the feelings in the relation within one's own self and the others. Biographic information on the writer as well as a summary of the story and some considerations are presented.

Keywords: Katherine Mansfield, beauty, truth, helplessness.

Resumen

Buscando la belleza en lo inevitable: sobre un cuento de Katherine Mansfield

Este trabajo fue elaborado a partir de la invitación para participar en la actividad del *Café Literario de SPPA*, cuyo tema era la discusión del cuento *La fiesta*, de Katherine Mansfield. La autora busca reflexionar sobre el impacto de la lectura de la obra de Mansfield, en especial del referido cuento, donde se ponen de relieve los temas de la vida y la muerte, el prejuicio, la soledad y la capacidad de mantener vinculados dentro de sí la verdad y el respeto por los sentimientos en la relación consigo mismo y con otros. Se presentan datos biográficos de la escritora, una síntesis del cuento y, posteriormente, algunas consideraciones suscitadas.

Palabras clave: Katherine Mansfield, belleza, verdad, desamparo.

Referências

Mansfield, K. (1993). *A festa e outros contos*. Rio de Janeiro: Revan.

_____. (1996). *Diário e cartas*. Rio de Janeiro: Revan.

_____. (1998). *Numa pensão alemã*. Rio de Janeiro: Revan.

Meltzer, D. (1995). *A apreensão do belo*. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 23/05/2013

Aceito em 10/06/2013

Revisão técnica de **Lúcia Thaler**

Luisa Maria Rizzo

Rua Gal. Souza Doca, 101

90630-050 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: luisarizzo@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA